



DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

O Suplemento Cultural publica nesta página dois discursos feitos durante a comemoração do Dia do Médico, realizada no dia 16 de outubro último, na sede da APM. O primeiro é voltado especificamente à data e foi feito pelo diretor cultural da APM, Guido Arturo Palomba; e o outro, uma homenagem à ex-funcionária Maria José Correa, a Zeca, que se aposentou em agosto, após mais de trinta anos de serviços prestados à entidade. Falou sobre ela, em nome da diretoria, o diretor administrativo, Rui Telles Pereira.

A origem do Dia do Médico

Guido Arturo Palomba

No dia 18 de outubro comemora-se o dia do médico. Dezoito de outubro é dia de São Lucas. Lucas era um homem de família judaica, de origem grega e, naquela época, geralmente a Medicina era exercida por escravos gregos, que eram atraídos pelos romanos e desfrutavam de regalias em todo o Império. Roma encaminhava-os às escolas médicas onde se consagravam inteiramente aos cuidados assistenciais dos enfermos da carne e do espírito.

A exemplo dos sacerdotes, os médicos de então não podiam casar-se. Impunha-se-lhes o celibato. Daí veio a concepção de que a prática da Medicina é um sacerdócio.

São Lucas não era um cirurgião. Curava pelos métodos clássicos. Fazia o que hoje chamamos de clínica médica, com os recursos da época, mais à custa de ervas medicinais, óleos e vinhos, do que por meio do emprego de instrumentos agressivos.

A tradição atribui a São Lucas a feitura do Terceiro Evangelho, escrito em grego não homogêneo, quase clássico, cujo estilo

revela o médico e o literato que era. Com vocabulário discretamente técnico e muito claro, distinguia com precisão doença de possessão demoníaca.

São Paulo, a quem seguia fielmente, chamava-o de "amado médico". A história conta-nos que Lucas nunca abandonou Paulo. Foram companheiros inseparáveis nas aventuras e nas desventuras daqueles primeiros anos da era cristã.

A data de 18 de outubro, Dia do Médico, foi oficializada no Brasil graças ao médico devoto de São Lucas, Eurico Branco Ribeiro, que muito insistia junto às autoridades constituídas para que a referida data fosse oficializada. Contando com toda a dedicação do ilustre deputado Ibrahim Dabus, homem erudito e sensível às causas médicas, conseguiu o que almejava.

Eurico Branco Ribeiro era médico que exercia a Medicina hipocrática com sacerdócio, conhecimento profundo de São Lucas, sobre quem escreveu vários livros e artigos, entre eles: "Lucas, o médico escravo", "O livro que Lucas não escreveu", "Médico, pintor e santo", títulos que legou para as gerações futuras, páginas repletas do espírito ele-

vado de Branco Ribeiro, verdadeiro samaritano, que em todo o 18 de outubro deveria ser lembrado como o homem que marcou o Dia do Médico.

Essa data comemorativa é propícia a manifestações de sentimento, são os nossos arquétipos vibrando, que convida-nos a, como se fosse um filme, ver a própria história de nossa Medicina pátria. Começa com os índios, os quais, quando doentes, recorrem ao pajé, feiticeiro curador. Depois, vêm as cenas da terceira década do século XVI, quando surgem os primeiros profissionais na arte de curar. São os cirurgiões-barbeiros, os barbeiros, os boticários e seus aprendizes, que distribuem-se pelas nascentes povoações da orla marítima e, com os rudimentos médicos que haviam aprendido na Europa, passam a exercer a profissão médico-farmacêutica. Depois, a medicina jesuítica, e, mais tarde, a chegada dos primeiros médicos propriamente ditos, no início do século XIX, que praticam a Medicina observando o doente ao pé do leito, baseando-se nos sintomas e sinais visíveis ou suspeitados, os quais, depois de comparados e somados, determinam a

natureza da doença e a terapêutica a ser administrada. A patologia para esses curadores repousa na sintomatologia, enquanto que a etiologia, isto é, a causa, por ser desconhecida, ou é atribuída às condições climáticas ou aos desregramentos sexuais e alimentares, ou também a germes indeterminados e genéricos. É a época pré-científica.

Continuando a rápida sucessão de cenas, vem o século XX, com a instalação dos Institutos de Pesquisa Médica, que é o marco que permite afirmar que o Brasil entrou de fato na era científica propriamente dita, e, a partir daí, a nossa Medicina vai, a pouco e pouco, ganhando autonomia e firmando-se, conseguindo, em algumas especialidades, distinguir o Brasil como um dos principais centros médicos do mundo. Nesse momento aparecem os grandes mestres da história recente da nossa Medicina. Na Psiquiatria passam Atila Vaz, Pacheco e Silva, Juliano Moreira, Franco da Rocha, Paulo Lentino, Aníbal Silveira e muitos outros.

Na clínica médica passam Francisco de Castro, Miguel Couto, Miguel Pereira, Lemos Torres, Rubião Meira e Jairo Ra-

mos, todos na mesma trilha previamente aberta pelo clínico pioneiro Torres Homem.

Na cirurgia passam Benedito Montenegro, Edmundo Vasconcelos, Alípio Correa Neto e o condestável Arnaldo Vieira de Carvalho... e assim, num prosseguir ininterrupto de homens que construíram e dignificaram a história da Medicina nacional, acabam as imagens projetadas na tela que serviu para a nossa analogia com a história.

E voltando para o aqui e agora, neste anfiteatro iluminado pelo brilho dos mestres que nele se encontram, brilho de Neves-Manta, decano da Psiquiatria brasileira, de Ribeiro do Valle, insigne mestre da Farmacologia, de Celso Guerra, nosso preclaro presidente, de Carlos da Silva Lacaz, homem devoto às tradições e à cultura da Medicina brasileira e de todos os outros que aqui nos honram com as suas presenças, peçamos, juntos, independente de credo, religião ou fé, neste dia em que se comemora o Dia do Médico, a bênção de São Lucas. Que ele nos guie e nos ilumine na nossa, às vezes tão difícil, luta contra os infortúnios das doenças do corpo e do espírito.

Uma homenagem à Zeca

Rui Telles Pereira

Coube a mim, decano da diretoria da Associação Paulista de Medicina, a honra de falar de uma moça que chegou a esta Casa na década de 60, quando era presidente o professor Edson de Oliveira. Veio secretariar a Comissão Científica da APM.

Quando foi eleito presidente o professor Ítalo Domingos Le Voí, passou a secretariar também a Comissão de Defesa de Classe, presidida pelo dr. Pedro Kassab. Com a sucessão de novas diretorias e a ampliação das atividades da entidade, tornou-se secretária executiva; com os anos, passou a responder pela Secretaria-Geral,

englobando o atendimento à diretoria, ao Expediente, aos Departamentos Científicos, às Regionais e Sociedades médicas filiadas de todo o Estado de São Paulo.

Dona Maria José Correa (Dona Maria José/Zeca). Não há líder médico paulista dos últimos trinta anos que não conheça você. Conheça e admire. Por tudo que você fez e por tantos que você uniu.

Para que falar da organização e zelo pelos documentos históricos da APM; para que falar da organização das Assembléias de Delegados, das reformas estatutárias, das eleições, dos congressos, dos prêmios científicos; para

que falar do muito que você fez... todos vivemos a sua dedicação plena à entidade.

O Interior, que através de São José do Rio Pardo nos trouxe você, agora nos cobra o retorno... Como sempre acontece, mais uma vez, perdemos para o Interior...

A sua aposentadoria em agosto último é um prêmio merecido, poucos podem aposentar-se tão jovens, tão cheios de vida... Seja feliz, dona Maria José, como felizes fomos com você. Venha sempre nos visitar, contar de você e nos ensinar.

Em nome dos médicos da Associação Paulista de Medicina, Muito obrigado, Zeca.



Celso Guerra, presidente da APM, cumprimenta a ex-funcionária

A Retirada da Laguna e os

Walter Pinheiro Guerra

Vários foram os médicos que integraram o Corpo de Saúde quando da famosa Retirada da Laguna. A maioria deixou-a por motivos de saúde e por designações para servirem em outras unidades militares. Todavia, dois deles, permaneceram até o final da campanha: os drs. Cândido Mariano de Oliveira Quintana e Manoel de Aragão Gesteira. Tudo fizeram em prol dos doentes e feridos, apesar da escassez de recursos com a perda das caixas de medicamentos, esgotando-se o restante em curto período.

O Corpo Expedicionário de Mato Grosso apresentou falhas, desde a sua organização, composto que foi, às pressas. A varíola grassou intensamente, já na viagem de ida, eliminando grande número de expedicionários. Curioso é notar que naquele tempo já existia a vacina antivariólica. Ocorreu imperdoável erro, por não se ter imunizado a tropa, o que só mais tarde veio a ser feito por dois outros médicos, após centenas de óbitos pela varíola. O dr. Francisco Antônio de Azevedo, autoridade sanitária no Mato Grosso, ordenou a imunização em Corumbá, tão logo foi evacuada pelos paraguaios. O dr. Gesteira, que integrou um reforço vindo de Minas Gerais, trouxe sua gente imunizada.

Comandou a retirada até quase o seu final, o cel. Carlos de Moraes Camisão. Cometeu, entretanto, um erro de caráter estratégico, determinando a invasão do território paraguaio, desprovido de condições que lhe garantissem o sucesso. Por solicitação superior, antes de assumir o Comando Geral dos Exércitos da Tríplice Aliança, Caxias organizara plano, segundo o qual o Corpo Expedicionário, chegando à margem do rio Apa, deveria estacionar no aguardo de reforços, que não chegou a receber, enquanto a fortaleza de Humaitá resistia ao assédio dos aliancistas. Houve prolongada resistência até que fosse tomada. Havia, contudo, um problema de ordem íntima que o cel. Camisão retinha em sua mente.

Quando da invasão de Corumbá pelos paraguaios, o comandante da praça retirou-se antes de sua ocupação. Lá estava o cel. Camisão que, embora discordasse de seu chefe, acompanhou-o no abandono da cidade. Este arrependimento mortificou-o por longo tempo. Ansiava por enfrentar o inimigo.

Deparando na outra margem com o território guarani, pareceu-lhe que chegara o momento oportuno para redimir-se de sua falta anterior. Sentia-se ferido em seu pundonor e não se perdoara do gesto anterior. Levado por informações aleatórias, decidiu invadir o terreno que via em frente de seus olhos. Descumpriu as ordens recebidas, mas aliviava-se de sua antiga culpa.

O plano concebido por Caxias era o de organizar um poderoso exército dotado de recursos para enfrentar o invasor do solo pátrio. Segundo Caxias, o referido Corpo Expedicionário "não deverá ser menor de 6 mil homens, que teria papel apenas defensivo". Entretanto o cel. Camisão decidiu entrar em campo com o reduzido efetivo de homens, quando, no plano original, o Corpo Expedicionário deveria contar com 12 mil homens da Guarda Nacional de S. Paulo, Minas e Goiás. De início, coube o Comando da Coluna ao ten. cel. Manoel Pedro Drago. Uma vez organizado, partiu o Corpo Expedicionário do Rio de Janeiro para Santos, a 1.º de abril de 1865, com embarque assistido por D. Pedro II. Do litoral, rumou para Campinas, com 563 homens "precariamente armados e disciplinados"... Nessa cidade, permaneceram pelo espaço de 66 dias, aguardando problemas administrativos! Ali 46 soldados baixaram ao hospital por doenças, sem contar 96 desertores. Surgiu o primeiro surto de varíola e mais 159 praças desertaram.

A 20 de junho de 1865 partiu a Coluna de Campinas, contando 430 homens, que passaram por Mogi Mirim, Mogi Guassu, Casa Branca, Cajuriú, Batatais e Franca, chegando a Uberaba a 18 de junho de 1865. No decorrer da campanha, o Visconde de Taunay, autor de "A Retirada da Laguna", foi, por várias vezes, injusto com os médicos, não obstante a sua condição de leigo, criticando-lhes a atuação. Consta que alimentou o desejo de ser médico, o que seu pai, o barão de Taunay, impediu, por não achar a profissão condizente para um nobre, e ser "tarefa inferior..." Indaga-se: o que mais poderia ele fazer, do que os médicos que acompanhou? Sua formação profissional muito se assemelhava à daqueles escultórios de outrora.

Ao atingirem Uberaba, se tinham passado quatro longos meses de marchas intervaladas. Ali foi integrada a tropa de Minas Gerais, com 1.212 homens. Es-

sa tropa já estava imunizada contra a varíola, por obra do dr. Manoel de Aragão Gesteira, em seu primeiro contato com a Coluna Expedicionária. Em Uberaba, permaneceram 47 dias. Os óbitos foram de 46 homens, com várias deserções. Dali tendeu a o cel. Drago dirigir-se a Cuiabá, de onde ficaria mais senhor da situação e possivelmente aumentaria o seu efetivo. Pela tardança em sua movimentação, foi destituído do Comando. Partiu cercado pela consideração de seus comandados. Substituiu-o o cel. José Antônio da Fonseca Galvão, estando a Coluna a quatorze léguas de Mato Grosso, seguindo então para Rio Verde, em Goiás. Quanto ao cel. Drago, chegando à Corte foi requisitado por Caxias, que assumira o Comando da tropa da Tríplice Aliança. Em Rio Verde, viu uma mulher portadora de um grande bócio que chegou a desenhá-lo, verificando que havia outras pessoas também "papudas", possivelmente o bócio endêmico, que já fora notado por outros viajantes.

No dia 30 de novembro de 1865, tomaram o rumo de Coxim, no Mato Grosso. Lá encontraram tropas vindas de Goiás. Seu chefe do Corpo de Saúde era o dr. Cândido Manoel de Oliveira Quintana. Seguindo hábitos de outros tempos, mulheres de soldados e seus filhos acompanhavam seus integrantes, costume prejudicial à disciplina e criando problemas de abastecimento para toda aquela gente. Havia no local cerca de 3 mil pessoas acampadas à margem direita do rio Taquari, na confluência com o rio Coxim. Lá estivemos há anos e conversamos com o prefeito e vereadores, no sentido de erguer-se no local em que estiveram os expedicionários algo que recordasse aquela sofrida presença em Coxim. A sugestão foi aceita e deixamos o local. Estivemos no exato lugar assinalado pelos historiadores, deixando-lhes um histórico da cidade e planta do monumento. No mesmo local, havia um hotel, em obras. Tempos depois, viemos a saber que o ambicioso e ignorante hoteliro não permitira a ereção do monumento em memória dos expedicionários que ali passaram por grandes provações.

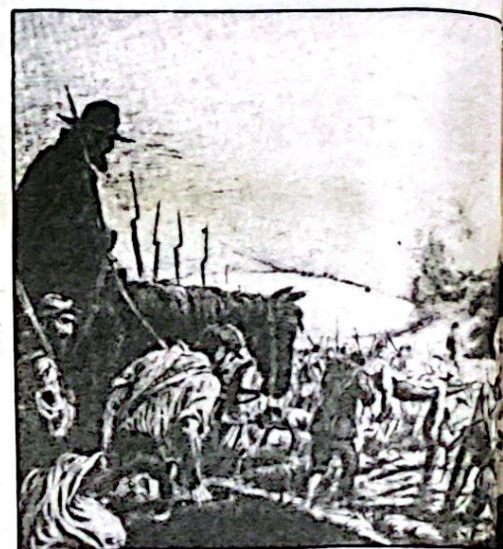
Com a chegada das chuvas, ficaram isolados e sem condições de receber os recursos de que necessitavam. Procurou socorrê-los o presidente da província de Goiás, mas os transportes ficaram prejudicados, resultado

da intensa chuva. Chegadas as encomendas, grave epizootia acometeu o gado com o "mal de cadeiras", moléstia causada pelo "tripanozoma equinum", que atingiu igualmente os cavalos, destinados a tanger o gado. Ao mesmo tempo, não dispunham de cartas geográficas da região! A 35 de abril de 1866, deixaram Coxim e seguiram para Aquidauana. A longa estada em Coxim fora de 122 dias, a mais longa em toda a Campanha. Atingida a margem direita do rio Aquidauana, juntou-se-lhes um novo contingente de Voluntários da Pátria de Goiás. Passou então o efetivo a 2.700 homens na Coluna. O estado sanitário da tropa era precário. Iniciaram-se os acessos de malária, que ocasionaram quatrocentas baixas. A parasitose, endêmica na região, assumiu o caráter epi-

zótico ocorreu em apenas algumas horas.

O outrora, o beribéri era conhecido como "paralisia reflexa", a qual os soldados denominavam "perneira", pelo endurecimento observado nas panturrilhas. E diz Taunay: "Os médicos, não obstante ignorantes, mostravam-se atônitos... recebendo às tontas com incoerência e falta de lógica."

O beribéri só veio a ser conhecido no Brasil por volta de 1866 devido a Silveira Lima, que descreveu os primeiros casos observados na Bahia. Contudo, Eijkman, entre 1896 e 1905, veio a detectar sua causa carencial, pela ausência da vitamina B1, na alimentação. Era, portanto, justificado o desconhecimento dos médicos daquela era. Segundo Silveira Lima, que



dêmico, determinada provavelmente pelo plasmódio falciparum, causador da terçã maligna. Ocorreram casos de coma palustre com numerosos óbitos.

Na travessia do Pantanal de Madre, o pessoal atolava até à altura do pescoço, e nele perdiam-se canastras de medicamentos. Os canhões também atolaram. Dessa travessia resultaram mais de cem mortes. A muito custo conseguiram chegar ao Taboco, na boca do Pantanal, que haviam atravessado. Começou então a surgir o beribéri, que atingiu grandes proporções. Os médicos não tinham mãos a medir. Embora não-médico, Taunay descreveu com segurança a sintomatologia das vítimas: formigamentos nos membros inferiores, dificuldade de locomoção, opressões, dispnéia, agonia e morte! Casos houve em que o

a descreveu pioneiramente, caracterizava-se por "paralisia, edema e fraqueza geral". Era considerado como de etiologia bacteriana; recebeu, na época, denominação outra, como "anasarca", encontrada na forma hídrica e por "intoxicação paludosa". Todos os escultórios de antanho cometeram enganos. O próprio Oswaldo Cruz, quando da construção da Madeira-Mamoré, e o americano que o antecedeu, dr. Belt, realizaram necropsias na procura de um agente microbiano, sem que o vislumbassem. Como se verifica, Taunay foi maldoso em relação aos médicos castrenses, na sua condição de leigo.

A 12 de setembro de 1866, a Coluna chegou à Vila de Miranda, e as baixas causadas pelo beribéri foram de quatrocentas pessoas. De Santos até Miranda,

Doutores Gesteira e Quintana

havia percorrido 2.400 km. Miranda era reconhecidamente local insalubre. Lutaram os médicos militares para que se abandonasse o lugar, pois, segundo a crença em voga, a "mudança de ares" era um fator de cura para o beribéri... Os medicamentos perderam-se nas travessias de pantanais. O então comandante da Coluna, cel. José Joaquim de Carvalho, foi acometido pela avitaminose. Aflição e ordena a presença dos médicos. Chamou depois Taunay, que "era metido a entender de assuntos médicos". O leigo Taunay, que não se dava bem com o comandante, exagrou os males do cel. Carvalho, que, apavorado, solicitou seu desligamento.

A 1.º de janeiro de 1867 assumiu o Comando Geral da Coluna o cel. Carlos de Moraes Ca-

Humaitá, quando receberia os necessários reforços. O gado fornecido para a alimentação, cedido pelo guia Lopes, chegaria para apenas um mês. Recebera ordens de manter-se na defensiva. Teve o primeiro encontro com o inimigo, na fazenda Machorra, quando o adversário, vencido, retirou-se.

A 21 de abril de 1867, ocuparam o fortim de Bela Vista, que estava abandonado e incendiado. Iniciava-se o martírio da fome por falta da carne bovina, já inexistente. Sabedor de que na fazenda da Laguna havia gado e mantimentos, partiu sem o devido apoio logístico necessário. Laguna, de propriedade do ditador Solano Lopes, distava a cerca de quatro léguas. Decidiu prosseguir até lá. Ao chegar, não encontrou o gado com que

o aniquilamento da Coluna, procuravam envolvê-la, atacando-a de improviso. Nos dias 8, 9 e 11 de maio de 1867, ocorreram sangrentos combates com o campo paraguaio juncado de cadáveres e sensíveis baixas brasileiras, sendo que o combate do dia 11 ocorreu já em território brasileiro. Com o estampido dos canhões o gado corte desgarrou-se, deixando os brasileiros em delicada situação, uma vez mais. A conselho do guia Lopes, modificou-se o itinerário de volta, com passagem pela fazenda Jardim, de sua propriedade, para evitar novos ataques inimigos. Pelo caminho, encontraram extensos cerrados constituídos de macega e bambu, a que o adversário ateuva fogo, dificultando o avanço da Coluna retirante. Para agilização da marcha, foi ordenada a redução da bagagem, deixando carretas para o transporte de doentes e feridos.

Mandou o cel. Camisão distribuir o restante da alimentação, constante de farinha, arroz e legumes secos. Os víveres foram prontamente consumidos em alguns dias, gerando, novamente, a penúria de alimentos! Estavam todos, esgotados e famintos... Nos dias 14 e 27 de maio, os tiroteios foram contínuos. Viveiram dias infernais, com fome, cansaço, o fogo à macega, temporais e noites gélidas; a marcha se fazia, entretanto, plena de sofrimentos. Por pouco não ocorreu a indisciplina, que seria fatal para todos. Porém, resistiram à má sorte, mantendo-se atentos e valorosos no combate ao impiedoso inimigo, que não lhes concedia tréguas! Tudo foi anotado pela pena do visconde de Taunay, descrevendo uma das mais eficientes e difíceis retiradas registradas nos fastos militares no mundo. Foram valentes e bravos os soldados brasileiros, frente a um inimigo maldoso e pertinaz.

A 29 de maio de 1867, chegavam à fazenda de Lopes, que falecera no dia anterior. No dia 29, faleciam o cel. Camisão e seu imediato, o ten.-cel. Juvêncio Manoel Cabral de Menezes, e o restante da tropa achava-se em péssimas condições. Entretanto, o consumo de limões e laranjas existentes na fazenda de Lopes melhorou as condições gerais, e a 2 de junho, prosseguiram para Nioaque. Daí, a 11 de junho, tomaram a direção de Canuto. Dos 15 médicos que inicialmente formaram o Corpo de Saúde da Coluna Expedicionária a Mato Grosso, alguns retiraram-se por doença, ao pas-

so que outros receberam designações para demais setores. Restaram como remanescentes os doutores Manoel da Aragão e Cândido Manoel de Oliveira Quintana, que permaneceram até o final da campanha. Pela atuação brilhante que exerceram em condições as mais adversas, receberam merecidos elogios de seus chefes militares. Sobre eles diz Taunay: "Tivemos a felicidade e conservar dois hábeis clínicos, os doutores Quintana e Gesteira."

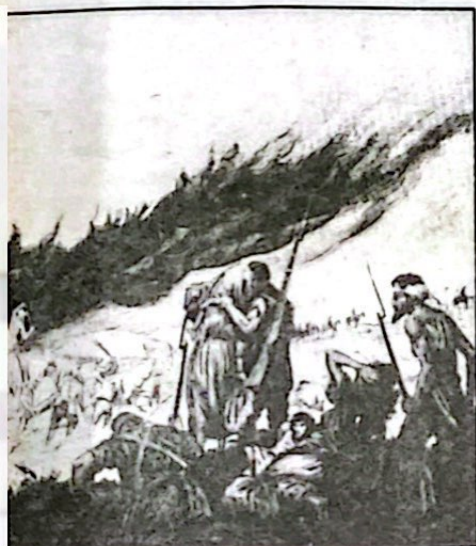
Tanto na Campanha do Paraguai como no Corpo Expedicionário, em moldes de Exército patriarcal, mulheres e filhos de soldados, acompanhavam-nos das marchas, trazendo problemas de abastecimento e segurança da tropa. Muitas delas foram destemidas defendendo ou resgatando de mãos inimigas seus filhos destinados à morte pelo insensível adversário. Embora a Convenção de Genebra ainda não existisse, reinava entre outras nações em guerra um tratamento mais humano em relação a adversário ferido ou derrotado. Todavia, o trato dispensado pelos paraguaios, tanto na Guerra da Tríplice Aliança como ao nosso Corpo Expedicionário, foi bárbaro e atroz.

Assumiu interinamente o Comando da Coluna o major José Tomás Gonçalves. Estranha moléstia abateu-se sobre a tropa no decorrer da retirada. Dirigindo-se ao novo comando, o dr. Quintana informa que "no dia 10, na Bela Vista, atendeu um índio que sofria diarreia abundante e que no dia seguinte, faleceu". E, continua: "No dia 17, às 11 horas da noite... entraram mais dois enfermos... que atraíram a atenção por grandes gritos que davam em consequência de câimbras... grande sede, supressão de urinas, vômitos, evacuações alvinas abundantíssimas, resfriamento das extremidades... estavam desfigurados pela magreza do rosto... julguei que estávamos em presença da horrenda cholera-morbus... no dia subsequente, entrada de muitos atacados, com vômitos, evacuações alvinas abundantes de uma matéria semelhante à água de arroz, grande sede, dispnéia, pulso pequeno, freqüente, supressão de urinas, cianose, magreza, desfiguramento rápido do rosto...". Os medicamentos, ao fim de poucos dias, estavam esgotados. Depois de outras considerações, tais como as longas marchas, o cansaço dos padoleiros, fadiga e estropiados, essa era a si-

tuação até 1.º de junho.

O número de "coléricos" que pereceram foram 173, dentre eles, dez oficiais. Dos que ficaram pelo caminho, 122 homens. Como carne eram utilizados os bois de tração das carretas, tudo isso agravado pelas condições horroresas em que realizava-se a retirada, como diz Taunay, "com 22 dias de cruel fome". Descreve a trágica matança dos animais com um grande círculo em volta do magarefe. Quando o animal sangrava, recolhiam o líquido vital, absorvendo-o suficientemente. Ingeriam a carne mal assada ou cozida, terminando com uma frase profética de Taunay: "Não podia deixar de originar-se alguma epidemia". Sabe-se que não era médico, contudo, neste particular, raciocinou como se o fosse. A respeito, diz Luís de Castro Souza, em quem nos baseamos, que "teria sido uma toxi-infecção alimentar com gastroenterite aguda e não o cólera, como se julgou". Em favor de sua opinião, cita o dr. Irsag Amaral da Cunha, segundo o qual, "nas toxi-infecções, a fadiga está sempre presente". E essa era a condição dos retirantes em suas andanças permanentes, sem alimentação adequada e sem repouso. Agravou a situação a ingestão de "carne de animais desnutridos e fatigados, o que acarreta freqüentemente intoxicações alimentares".

Em nosso entender, o autor de "A Medicina na Guerra do Paraguai" destaca-se em três tópicos de sua obra. Foi o único a referir-se aos planos de Caxias antes de assumir o Comando das Forças da Tríplice Aliança, que ordenava ao cel. Camisão que estacasse à margem do rio Apa e aguardasse futuros reforços. Foi dos primeiros a levantar a hipótese diagnóstica de que não se tratava de cólera-morbus e sim uma toxi-infecção alimentar, sobretudo pelo consumo de carne de animais fatigados, que constitui-se num dos preceitos de higiene militar. Em seu empirismo, já o nosso homem do interior proclama que "não se deve comer carne de animal cansado"... Altera-se o metabolismo muscular devido às marchas freqüentes, quando manifestam-se alterações do equilíbrio electrolítico da célula muscular. Há um aumento excessivo dos íons sódio e correlata diminuição dos íons potássio, ocorrendo a fadiga geral e, sobretudo, muscular. O restabelecimento da normalidade ocorre



missão, que ordenou a partida par Nioaque, onde, dois meses depois, não mais grassava o beribéri. Fora regularizado o abastecimento e a alimentação, fresca e variada, deu fim à avitaminose. Não era, portanto, uma questão climática, como se julgava na época. Contava então a Coluna com 2.084 homens. Entusiasmado e com o problema anterior a cruciar-lhe à mente, pelo abandono de Corumbá, decidiu invadir o Paraguai, quando chegasse a fronteira do rio Apa. Assumira decisão infeliz e contrária ao que planejara Caxias, cujos funestos resultados são conhecidos. Sugestionado por informações inconfiáveis, cometeu ainda uma falha tática, porquanto não contava com a arma de Cavalaria adequada à região de campos em que ia penetrar. Cabia-lhe, segundo instruções recebidas, aguardar a rendição de

contava. Ocupou-a a 1.º de maio, que, como de hábito, estava incendiada e deixada pelo inimigo. Face à situação, só restava o recuo para Nioaque. Embora o recuo já estivesse assentado, resolveu atacar os paraguaios que estacionavam a uma e meia légua de distância. ApANHADOS de surpresa, sofreram os paraguaios várias baixas, decidindo-se pelo abandono do local.

A 8 de maio de 1867, iniciou-se a Retirada para Nioaque, em rigorosa formação militar, distando da fronteira do rio Apa cerca de oito léguas. Usavam os paraguaios a tática de "terra arrasada", praticada cada vez que abandonavam posições antes ocupadas. Havia recebido valioso reforço de 1.500 homens, muitos deles, da cavalaria e alguns canhões. Não alcançando

no emprego do ácido aspártico, aminoácido de ação trófica encontrado normalmente no organismo. Este age nas ações de transaminação, descarboxilação e desaminação, elementos do metabolismo celular. Isso, quanto ao homem. Por hipótese, idêntico mecanismo deve ocorrer nos animais de sangue quente.

Já em 1941 o dr. Luís Brandão F.º ("Medicina na Guerra do Paraguai") escreveu o "Comentário médico à margem da Retirada da Laguna" — Cólera ou intoxicação alimentar e axilaminose? — estampado em "Publicações Médicas" — ano XIII n.ºs 3 e 4 — out. nov. — 1941. No teatro de operações ao Sul, em território paraguaio, o cólera-morbus verdadeiro ocorreu de março a maio de 1867, passando depois aos adversários. Lemos algures, não nos ocorrendo em que obra, que o viбри colérico foi trazido por um navio francês que aportou em Buenos Aires e dali propagou-se, atingindo os contendores em luta. Provavelmente essa embarcação transportou um ou mais bacilíferos, proveniente do Oriente, onde a França possuía colônias. Esta foi a única fonte explicativa da disseminação do cólera-morbus durante aquela campanha. Outro argumento contrário à disseminação do cólera verdadeiro nos expedicionários de Mato Grosso prende-se ao fato de que os paraguaios desenterravam os cadáveres das covas encontradas para despojá-los dos "miseráveis andrajões, que entre si disputavam em horrenda luta." É conhecida a temível contagiosidade do cólera-morbus, que, todavia, não manifestou-se entre eles quando da campanha de Mato Grosso. Um atestado a mais de que não se tratava da mortífera vibriose e sim de toxi-infecção alimentar e gastroenterite aguda.

Há, ainda, o relato do punho de Taunay, quando revela que encontrou os coronéis Camisão e Juvêncio mastigando um naco de carne viciada e bastante apimentada, a fim de disfarçar seu mau sabor. Convidaram-no para o fatídico repasto, aceitando o convite, faminto que estava. Ao retrair-se, sentiu náuseas. Apanhou uma flor de capim, com a qual esfregou a faringe até vomitar, o que o aliviou sobremaneira. Ingeriu um gole d'água fresca, que também vomitou. Salvou-se, assim, de igual destino de seus companheiros de odisséia. Naquela mesma noite, foi despertado pelo ten. cel. Juvêncio, rogando-lhe que conseguisse com o dr. Gesteira um "remediosinho" para o mal que sentia. De volta, Taunay trouxe

papezinhos contendo subnitrito de bismuto, antidiarréico da época. Encontrou-o acometido de "câimbras e a vomitar e evacuar". Sabe-se que as salmoneloses de determinados grupos apresentam síndrome do tipo coleriforme, que levou o dr. Gesteira a equivocar-se: vômitos, diarréia intensa com fezes aquosas que lembram a água de arroz, grande e rápida desidratação e sede exagerada, pulso pequeno com frequência aumentada, extremidades frias e cianóticas, câimbras nas panturrilhas, voz enfraquecida e quase afônica e desequilíbrio hidrossalino. O ten. cel. Juvêncio apresentou inicialmente vômitos, seguidos de diarréia. No cólera, dá-se o inverso: diarréia, seguida de vômito. Ambas as patologias assemelham-se, o que levou o grande propedeuta Vieira Romeiro a denominá-la de *colerina ou cholera nostra*.

É do conhecimento geral, que, tateando no escuro, os médicos daqueles tempos atribuíram o cólera-morbus e o beribéri à "atmosfera infectada" como causa etiológica. Muito mais tarde foi que Robert Koch (1847-1910) veio a descobrir um bacilo na forma de vírgula, que passou a ser conhecido como "vibrião colérico". Outra revelação meritória do dr. Luís de Castro Souza refere-se ao número exato de quantos foram abandonados e, em seguida, exterminados pelo inimigo, tanto os agônicos como os ainda vivos! Fez mais, resgatando seus nomes, para rememoração dos pósteros. A decisão de desfazer-se daqueles infelizes foi tomada em conciliábulo de que participaram todos os comandantes e encarregados de serviços, face às circunstâncias. Houve unanimidade quanto a deixar-se para trás os doentes, que ocasionavam o retardar no avanço da coluna. Quando da vez de pronunciar-se, o dr. Gesteira, como encarregado do Corpo de Saúde expedicionário, ponderou ao justificar seu voto favorável à medida circunstancial. Agiu como verdadeiro esculápio, não sem lembrar o juramento de Hipócrates, a que todos os médicos se acham jurados. Recordou que, por ele, não deveria abandonar seus pacientes, entretanto, na condição de funcionário público, adido à coluna, como chefe do Corpo de Saúde, não lhe restava outro alvitre que não o de concordar com a medida então levantada! Decisão tomada, prepararam-se para prosseguir na jornada. Mal andaram alguns passos, ouviram o estampido de armas de fogo com o que o inimigo liquidou com os moribundos e os ainda vivos... Como militares, urgia que todos cumprissem a ordem emanada

do comandante nos moldes castrenses, a quem cabia a responsabilidade dessa natureza. Foi 122 o número de abandonados.

Quando da invasão do Paraguai, o efetivo da coluna era de 1.907 praças. No retorno, ao atingirem as margens do rio Aquidauana, as baixas chegavam a 576, restando 1.329 válidos. Cuiabá fora retomada e até lá chegou o dr. Gesteira, acompanhando os doentes e feridos. Deu, assim, fiel cumprimento a seu juramento hipocrático, deixando os pacientes em segurança. Honrou nossa classe de forma integral, razão de orgulho para todos os seus colegas. Seria o instante de estabelecer-se um paralelo entre a bem-sucedida retirada da Laguna e outra passagem de nossa história militar, rotulada igualmente, como "retirada", que deu-se em Canudos. Enquanto a Coluna Expedicionária de Mato Grosso retirou-se em rigorosa ordem militar e disciplina, embora envolvida por um longo cortejo de dificuldades, chegou a Nioaque e dali a Aquidauana, contando com 1.329 praças. Quando do fracasso em seguida à morte do cel. Antonio Moreira César, comandante da 3.ª Expedição a Canudos, gerou-se o pânico e a debandada geral da tropa, surda às ordens de comando. Para livrarem-se dos jagunços que os perseguiam em pequeno grupo (vinte jagunços), desfizeram-se das armas e das patronas de munição, abandonando-as ao inimigo. Alijaram-se ao solo os uniformes multicores, de fácil visualização pelo adversário.

Em ambos os episódios, os perseguidores assemelhavam-se no comportamento impiedoso e cruel, sendo que em Canudos os militares eram sistematicamente degolados, tanto vivos quanto mortos! Os efetivos eram quase iguais: 1.329 em Laguna e cerca de mil homens em Canudos. Estes, possuíam armamento mais moderno, com fuzis de repetição. O número de canhões era quatro, tanto numa como na outra. No que diz respeito ao punção militar, os de Laguna conservaram-no integralmente, marchando em formação militar e disciplinadamente, o que não ocorreu em Canudos. As tropas de Canudos, transidas de medo, entraram em pânico e desorganizaram-se, subdividiram-se, não oferecendo ao inimigo a menor resistência. Em Laguna, deu-se uma Retirada formal; em Canudos, uma debandada louca e intempestiva. Honra, pois, aos retirantes da Laguna.

• Walter Pinheiro Guerra é membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

O Príncipe dos Poetas Brasileiros, **Paulo Bomfim**, acaba de lançar o seu 20.º livro, **Súditos da Noite**, Editora Maltese, prefaciado por **Ignácio da Silva Telles**, que, em feliz linguagem, expressa todo o conteúdo da obra nestas palavras: "A poesia de Paulo Bomfim nos apanha no chão, nos eleva, nos envolve, desperta em nós olhos que nunca sonhamos que tivéssemos, e nos aponta na direção de realidades, não de sonhos, não de quimeras ou idéias abstratas, mas de realidades, daquelas mais verdadeiras, daquelas que habitam além, muito além do pensável, e portanto muito além de todo o dizível, daquelas realidades que habitam fora da caverna de Platão."

...

Isaac Grinberg publicou recentemente o livro "Viajantes Ilustres em Mogi das Cruzes", contendo importantes e determinantes fatos históricos a respeito da criação da Vila que era conhecida, em 1611, como Boigi, Mogymirim, Boixi Miri, povoação de Sant'Anna e Povoação Nova. O livro traz a biografia de vários homens ilustres que lá estiveram, começando por Gaspar Conqueiro, Gaspar de Souza Lisboa, conde de Assumar e muitos outros que ficaram para sempre na memória daquela importante cidade e que muito contribuíram para a grandeza de todo o Brasil. Entre eles, destacam-se Campos Salles, Prudente de Moraes, Santos Dumont, Euclides da Cunha, Washington Luis, cardeal Arcoverde, Wenceslau Braz, Ruy Barbosa, Affonso Pena. A obra é valiosa contribuição para a história local e do Brasil. Tem várias ilustrações.

...

Eduardo Goldenstein e **Luiz A. S. Freitas** publicaram o livro "Crianças sem Problemas", Editora Clinch. Os autores são médicos homeopatas, pediatras, de larga experiência clínica, e, a partir da prática diária em seus consultórios, com dados claros, objetivos e de forma didática, apresentam leitura agradável e informativa. Há temas-chaves sobre a educação, saúde e psicologia infantil, tudo muito bem fundamentado.

...

O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo está com nova diretoria para o período de 1993-1996: presidente, **Hernâni Donato**; 1.º vice-presidente, **Duílio Crispim Farina**; 2.º vice-presidente, **Odilon Nogueira de Mattos**; 1.º secretário, **Roberto Machado Carvalho**; 2.º secretário, **José da Veiga Oliveira**; 1.º tesoureiro, **Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci**; 2.º tesoureiro, **Douglas Michalany**; bibliotecário, **Célio Debes**; hemerotecário, **Délio Freire dos Santos**.

...

Na última reunião distrital da APM, realizada em São José do Rio Preto, receberam a placa de prata da entidade os seguintes mestres da Medicina: **Sigueiro Kitayama** (Jales); **Jarbas Alves Teixeira** (Fernandópolis); **João Freitas** (S.J. do Rio Preto); **Jamilo Elias Zeitune** (Votuporanga). G.A.P.